

NA ARTE DO LABIRINTO, PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS MEMÓRIAS DO TRABALHO DE LABIRINTEIRAS DA COMUNIDADE DE CHÃ DOS PEREIRAS -PB

Marcilio de Souza Santos Araújo¹
Patrícia Cristina de Aragão²

RESUMO

A arte do labirinto faz parte da história da Comunidade rural Chã dos Pereiras, no município de Ingá-PB, nesta localidade o trabalho das mulheres tem se destacado neste tipo de artesanato, tanto na sustentabilidade econômica da família, como na resignificação do fazer feminino nesta territorialidade, dando importância as práticas que elas desenvolvem e notabilizando sua arte no cenário local e regional. Neste artigo, discutimos sobre a trajetória de vida das mulheres da comunidade, através de seu trabalho com o labirinto, ressaltando que o trabalho da labirinteira, consiste não apenas num fazer artístico, mas empreende uma importante prática educativa. O objetivo geral consiste em analisar a arte do labirinto na Comunidade de Chã dos Pereiras, enquanto uma prática educacional que faz parte da memória social local, enquanto uma prática educativa que desenvolve um saber-fazer oriundo de um modo de educar pela cultura e educação popular. Nosso estudo está situado dentro do campo da pesquisa em História sobre mulheres, articulando a discussão entre trabalho e memória. Trabalhamos na perspectiva teórica de Ferreira (2012), Sorrentino (1993), Moraes (2010), Cunha (2014), Abrante (2012). Compreendemos que o labirinto destaca o trabalho das mulheres, mas também, marca uma nova historicidade em suas vidas, contribuindo para suas afirmações no campo do trabalho e na história de vida.

Palavras-chave: Labirinto. História de Vida das Labirinteiras. Práticas educativas. Educação Popular. Comunidade de Chã dos Pereiras.

¹Graduando em História. Pesquisador do Projeto de Extensão Ensinar História e Educar em Direitos Humanos. Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: marciliodes2@gmail.com

² Professora da Universidade Estadual da Paraíba. Doutora em Educação.
E-mail: patriciacaa@yahoo.com

INTRODUÇÃO

A arte do labirinto se constitui numa prática educativa que faz parte da história da comunidade de Chã dos Pereiras na cidade de Ingá-PB. Este tipo de arte tem uma produção esplêndida, uma estética cheias de detalhes fascinantes que traz numa peça de pano, a força do artesanato, entretanto, percebe-se que este tipo de discussão é fundamental para se perceber que a memória e a história de vida educam, através de seu contexto histórico, narrativas que as labirinteiras em seus diálogos introduzem para novas gerações momentos de suas vidas a partir do trabalho com artesanato labirinto. O aprendizado e a prática manifestada pela arte. Esta arte que nos seus detalhes é construída pela perfeição de quem manuseia é elaborada por mulheres desta comunidade.

O labirinto faz parte da história da Comunidade rural Chã dos Pereiras, no município de Ingá-PB, nesta localidade o trabalho das mulheres tem se destacado neste tipo de artesanato, tanto na sustentabilidade econômica da família, como na ressignificação do fazer feminino nesta territorialidade, dando importância as práticas que elas desenvolvem e notabilizando sua arte no cenário local e regional.

Tal prática requer habilidade, criatividade e paciência em suas múltiplas etapas no seu modo de produção, a serem desenvolvidos em grande estilo, criando várias peças para certas ocasiões, algumas que se serve para serviços de cama, mesa, roupa e outros aproveitamentos domésticos, e templos religiosos. Essa é a renda de labirinto, mas conhecida nacional e internacionalmente como ‘*Artesanato de Labirinto*’. A ênfase maior a ser tratada, como este artesanato são os benefícios para as artesãs da comunidade de supra citada.

Que no decorrer do tempo, foi se tornando tanto uma arte que representa a comunidade, como uma arte que possibilita através do trabalho das mulheres uma forma de renda, ou seja, elas descobriram, através do labirinto, um meio de sustentar a família e ter através deste artesanato sua vocação trabalhista da renda de labirinto, que transformou, e se fez como a identidade cultural da comunidade.

Na complexidade do bordado, de tantos detalhes a serem exibidos, pelos esforços em sua produção que é elevado e passar por várias etapas, é importante destacar o significado histórico, cultural, memorialístico e patrimonial do trabalho destas mulheres com esta arte.

Compreendemos através da pesquisa realizada com estas mulheres que a arte do labirinto, não deixa de ser algo prazeroso e terapêutico a formulação e que marca a história de vida destas pessoas.

Neste artigo, discutimos sobre a produção da arte de labirinto da comunidade, através do trabalho realizado com esta arte pelas mulheres. Nosso estudo está situado dentro do campo da pesquisa em História sobre mulheres, articulando a discussão entre trabalho e memória. O objetivo geral é analisar a arte do labirinto na Comunidade de Chã dos Pereiras-PB, através de suas narrativas de história de vida e trabalho, na perspectiva da memória. Nossa proposta é discutir sobre a importância que o labirinto tem nesta comunidade e o trabalho feito com esta arte pelas mulheres.

Trabalhamos na perspectiva de Ferreira (2012), Sorrentino (1993), Cunha (2014) e Abrante (2012), para discutirmos sobre memória, identidade, história de vida e trabalho na elaboração da arte do labirinto. A importância desta pesquisa para o campo dos estudos históricos é que ao articular gênero e memória na perspectiva da cultural e história local, trazendo o labirinto e ressaltando sua importância histórica e social, estamos dando ênfase a localidade e o potencial que ela apresenta no contexto da realidade social e cultural paraibana.

A abordagem metodológica é alçada numa pesquisa de cunho bibliográfico e documental, onde utilizamos como fontes históricas catálogos, artigos de revista, e o documentário *labirintos e renda* de Chã dos Pereiras – Ingá PB.

OS CAMINHOS DA ARTE DO LABIRINTO EM CHÃ DOS PEREIRAS: MÃOS QUE PRÁTICAM MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

A renda de labirinto por ser uma técnica artesanal bastante refinada, dando origem a desenhos variados, em Chã dos Pereiras, foi considerada expoente da produção paraibana neste aspecto. Pouco se sabe sobre sua origem, a referência mantida pelas artesãs são as lembranças de suas mães e avós envoltas na ida com os filhos, a casa, a roça e o ofício.

Na memória das mulheres, porém predomina a ideia de que a técnica tinha sido introduzida na localidade pelas esposas de estrangeiros que, tendo passado ali alguns dias, ensinaram as moradoras. De acordo com os padrões locais, o cuidado e a delicadeza que a técnica exige, são atributos exclusivamente femininos. Nas residências, ruas e praças, as mulheres criam um repertório de produto de utilidade doméstica nas horas livres. Isso

também porque busca o sustento da família na agricultura, participando quase que de igual para igual do universo de trabalho masculino.

A matéria-prima básica são tecidos de algodão desfiados tais como: o linhão, o linho, o linho irlandês, o testolene e a cambraia de linho, comprados facilmente no comércio de Campina Grande-PB. E os instrumentos de trabalhos são a agulha de costura comum, gilete, tesoura e bastidor³. Antes as mulheres trabalhavam individualmente, pois o trajeto era feito da seguinte forma, inicialmente a compra da matéria-prima e posteriormente a busca por compradores. Neste momento inicial da fabricação artística e venda das peças, elas enfrentaram muitas dificuldades, pois era muito raro vender uma peça de labirinto e o percurso era longe do seu habitar, o que fragilizava esta categoria de trabalhadoras e a defesa de seus interesses.

Em 1993 é construída a associação das artesãs de Chã dos Pereira com apoio de oligarquias governamentais e não governamentais, dando uma nova perspectiva de vida às mulheres que trabalhavam com essa arte. Esta associação conforme figura 1 abaixo, veio modificar a trajetória de vida destas mulheres.



Figura 1

Associação das Artesãs da comunidade de Chã dos Pereiras, Ingá-PB.

O labirinto hoje é admirado por visitantes do Brasil e do exterior que chegam à Paraíba a procura destas peças artísticas, encantados com o produto e levam para seus locais de origem alguns exemplares desta arte. A peça pode se produzida por encomenda, através dos familiares das labirinteiras que são acionados para venderem a peça, ou mesmo

³ Bastidor: é um material feito de madeira numa forma de círculo, é necessário dois, um menor que o outro, pra arma retilínea o tecido de algodão para terce a renda e produzir a criatividade do bordado dos símbolos.

quando alguém conhecido da região viaja para fora da comunidade e leva amostras das peças para vender.

É o artesanato manifestando as suas artes de várias formações complexas e de grande extensão de elegância cultural, ultrapassando barreiras, desafios, instaurando para instilar um novo trabalho de competência autêntica, produzido coletivamente apontando a beleza desta que na minha visão é uma obra prima do artesanato nordestino.

LABIRINTO: NOS PASSOS DE UMA PRODUÇÃO ARTÍSTICA UM MODO DE EDUCAR PELA HISTÓRIA DE VIDA

A beleza desse artesanato remete a uma visão muito ampla para observação dos símbolos⁴, que proporcionam embelezamento às peças, pois, as artesãs elaboram cada produção com detalhes delicados e robustos. Com essa desenvoltura foi se estilizando para novas gerações de labirinteiras na comunidade que foram aprimorando o conhecimento das peças e suas formas de produzi-las, agregando novas cores, novos estilos, apreciável em vestuários, pois ajuda especialistas no ramo da moda e várias outras catalogações de opções de peças de utilidade para devidos fins. Tais mudanças levaram a valorização das peças, e do trabalho das labirinteiras. Nas figuras 2 e 3 abaixo apresentamos dois estilos de labirintos, um mais tradicional, que marca o início da produção e outro mais moderno, que marca a contemporaneidade da produção desta arte.



Figura 2



Figura 3

⁴ Os símbolos desenhados e depois bordados desempenham umas das peças chaves na arte na renda. Mostra o embelezamento artístico, criativo pelas labirinteiras confeccionado na renda de labirinto. Os desenhos: flores, rosas, folhas, cachos de uva, desenhos geométricos, castiçais, hóstia, cruz e entre outros símbolos. O esses símbolos no labirinto são utilizados para panos de bandeja, passadeiras para mesas de jantar, toalhas de mesa, conjunto pra conzinha, roupas, conjuntos para sacristia das igrejas católicas, altares de templos religiosos e etc.

O envolvimento das mãos, a beleza dos seus trabalhos, o compromisso com a estética e a perfeição de cada peça, a persistência em dar forma, em criar, esculpir no linho desenhos e figuras, apontam para a riqueza do trabalho das artesãs da comunidade de Chã dos Pereiras. Munidas com pano e agulha na produção artística, com abundância de estilos, uma forma ética de fazer cultura e arte estas mulheres vão fazendo história na história do lugar, com grande esforço na forma da peça, ação que foi proveniente de aceitação do seu trabalho na sociedade.

De acordo com o livro *Ingá: Retalhos da História... Resquícius de memória* (ALEXANDRE, 2012). Este aponta em relação ao trabalho das artesãs que estas são “Mão hábeis, cabeças baixas. Sentadas nas calçadas ou em bancos improvisados, as labirinteiras de Chã dos Pereira, aos olhos de quem passa, parecem hipnotizadas pelo vai e vem da agulha que terce incessantemente o labirinto preso a um bastidor de madeira” (ALEXANDRE, 2012, p.111). O autor apresenta nesse comentário, a habilidade espontânea na criação e no desenvolvimento da produção tecendo na renda do labirinto. Com seu desempenho as labirinteiras no desenvolver criativo de sua arte, mostra aos olhos de quem ver a sutileza ágil no terce e nas etapas das confecções dessa obra prima.

É impossível para quem é de fora, não se encantar com a explosão de cores e formas que as peças de labirinto apresentam quando estão expostas nas ruas. E que nos comove é o fato de que tudo isso é saber que foi adquirido internacionalmente que em quase todas as casas do povoado mora uma artista que através do seu ofício de artesã ou da sua arte, aquecem a economia familiar e motivam principalmente uma identidade cultural para o lugar.

Mesmo sem ter consciência daquilo que fazia, a população tecia com fios de sabedoria e de progresso aquilo que lhe era de mais precioso. A sua identidade. Identidade esta que é quase instintivamente alinhavada pelas hábeis mãos das mulheres labirinteiras do lugar. Mulheres que buscam no labirinto uma forma de aquecer a economia doméstica, mas que indubitavelmente atrelam a sua arte ao seu modo de ser e de construir um lugar, uma forma de viver, de sonhar e, conseqüentemente uma maneira de se identificar.

A arte do labirinto possibilita nas mãos das labirinteiras, demarca a história de pessoas, de um lugar e suas práticas culturais, mas ela também é um importante meio de desenvolver uma educação popular em conjunto com a educação informal, que emerge a

partir do conhecimento que é passado internacionalmente, através de narrativas orais, é na oralidade que vai se educando sobre a história desta arte, sobre como os seus praticantes vivem e no lugar de pertencimento criam uma arte pujante, bela que educa em diferentes formatos (Freire, 2002).

Além do artesanato de labirinto se vincula como prática educativa, no contexto de uma educação popular que norteiam a coletividade de ações produzida por diversos movimentos populares, se integra no cumprimento das obrigações básicas de garantias de direitos dos cidadãos. Um dos objetivos principais, nos primórdios da Educação Popular era de buscar promover a participação dos sujeitos na construção de um projeto político de sociedade através de soluções construídas coletivamente, nas quais se pretendia superar as desigualdades sociais, principalmente no que se refere às desigualdades existentes no campo educacional.

Ao analisar a questão da Educação Popular na atualidade, Streck (2006, p.274) considera que : “[...] a Educação Popular saiu do seu enclausuramento, e as atitudes de defesa e contestação deram lugar a uma busca para participar de forma propositiva da vida nacional.” Para ele, a Educação Popular não está mais restrita a sindicatos, Igrejas e grupos de caráter alternativo e popular, mas incorporou-se a política e a pedagogia. Entretanto, o autor destaca que é preciso rever a sua identidade. Para a sobrevivência da Educação Popular, existem diferentes concepções para seu fortalecimento: ou através das organizações de caráter popular sem referência ao Estado, ou através de fortalecimento em relação ao Estado e, através do fortalecimento da sociedade civil com o público, através de negociações sobre o coletivo construídas por diferentes grupos.

Educar para a perspectiva da inclusão e da diversidade é perceber que a educação se faz em diferentes processos, sendo viabilizada por caminhos múltiplos, mas que são significativos para que através das histórias de vida e da memória das mulheres através de narrativas orais, possam suscitar em seus saberes e a como esta arte traduz a história de um povo, de mulheres que vai mudando as facetas de Chã dos Pereira, através de suas memórias com o labirinto, mas que vai imprimindo nesta arte um potencial educacional, importante para a geração que hoje está na escola.

CHÃ DOS PEREIRA, E SUA IDENTIDADE CULTURAL PELO LABIRINTO

A renda de labirinto é o prestígio consequentemente da identidade cultural para Chã dos Pereiras, um símbolo sagrado. É o seu emblema, é aquilo que representa o seu povo, é o elemento que lhe atribui um sentimento de pertencimento local, uma identidade. Arriscando uma analogia, é possível dizer que o labirinto representa para Chã dos Pereira, o que a bandeira representa para a Nação, e como tal, assume um caráter territorial e político.

A Chã dos Pereiras é um aconchegante distrito de Ingá, na Várzea do Paraíba, situado a 95 km de João Pessoa. A fama deste pequeno conglomerado rural, já ultrapassou as fronteiras do Brasil, porque a maioria das mulheres que moram na área se dedica à confecção do labirinto, uma atividade manual semelhantes a um tipo de bordado, que atualmente, enfeita casas, roupas e escritórios de muitos países do mundo (JORNAL UNIÃO; 25 de agosto de 2007).

A comunidade de Chã dos Pereiras é conhecida hoje (nacional e internacional), graças ao seu artesanato de labirinto. O labirinto, deu notoriedade a comunidade que é chamada de Chã, carinhosamente pelos seus habitantes. A grande contribuição desta arte para comunidade foi que sem ela, o lugar não teria o destaque nacional, foi o labirinto que ressaltou a importância cultural, social e econômica da comunidade se diferenciando de práticas de outros diversos povoados rurais do interior da Paraíba.



Distrito de Chã dos Pereiras – Ingá, PB.

A História da Chã se distancia e se torna particularmente desatrelada do contexto em que se encontram as localidades rurais da Paraíba, graças ao seu labirinto. Renda esta que adorna com os seus desenhos brocados as ruas do distrito, lhe dando ares de atelier onde as artistas entre uma agulha e outra, realizam suas obras sem se preocuparem com o tempo que passa vagorosamente, até que se findem mais uma peça encomendada. Podemos verificar tal afirmativa, através da figura 4 e 5 abaixo:



Figura 4



Figura 5

Sem renda, não haveria como designar um elemento unificador desta comunidade. Portanto é este o material que do significado ao povo de Chã dos Pereiras, e conseqüentemente lhe institui uma identidade social e pertencimento. Condição esta que influência no desenvolvimento local ao atrair as atenções do poder público e institui formas de ampliação e melhoramento do lugar.

A RENDA DE LABIRINTO: ALTERNATIVA DE SOBREVIVÊNCIA JUNTO COM AGRICULTURA

A renda de labirinto através do Programa de desenvolvimento da LBA - Legião Brasileira de Assistência, e pelo projeto Nordeste, foi criada, na década de 80 do século XX, uma associação de labirinteiras, que, em 1989, contava com aproximadamente 12 mulheres associadas. Há ainda muitas outras que trabalham por conta própria, sem vínculos com associação.

O lucro obtido com o artesanato dessa atividade não permite o desenvolvimento da mesma, sendo, conforme pesquisamos o suficiente para manutenção e sobrevivência das artesãs. Cada uma realiza, de acordo com uma tabela elaborada pelos associados com acompanhamento técnico do Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa- CEAG/PB. O dinheiro da venda das mercadorias é usado para esse pagamento e para comprar novos materiais (tecidos e linhas para o bordado).

Apesar dos problemas para colocar suas peças no mercado, os trabalhos dessas artesãs são comercializados nas grandes cidades da região, como: Campina Grande, João Pessoa, Recife e Fortaleza. No entanto, os rendimentos são muito pequenos, apesar de se tratar de um trabalho muito belo e demorado. Por exemplo: para se bordar uma colcha de cama uma artesã pode levar até seis meses de trabalho.

Assim, apesar da imensa possibilidade latente no artesanato do labirinto, com um programa efetivo de planejamento e apoio por parte dos órgãos oficiais, poderia atingir, com sucesso, o fluxo turístico regional, à população de Chã dos Pereiras que ainda continua vivendo em meio a muitas dificuldades.

Apesar do labirinto, o roçado de milho, feijão e fava continuam sendo, nessa comunidade, a principal fonte de sobrevivência, que continua até os dias de hoje. Nas épocas do plantio e da colheita, a jornada de trabalho, especialmente a das mulheres, é dupla: durante o dia se veem obrigadas a trabalhar na agricultura e á noite, no labirinto. Vida dura para artistas tão talentosas!

Hoje as labirinteiras têm outra realidade, pois em 1993 com tanto desempenho e esforço dessas mulheres foi construído um prédio para elas se reunirem, com ajuda governamental e não governamentais (prefeitura municipal de Ingá na gestão do prefeito José Iremar da Silva e um dos anexos do Banco do Brasil na cidade de Ingá), foi uma grande garantia de melhoramento nas condições de trabalho e qualidade de vida, conforme figuras 6, 7 e 8.



Figura 6



Figura 7



Figura 8

O prédio que tem o nome: Associação das Artesãs de Chã dos Pereira, é reconhecido no estado paraibano e em algumas regiões do território nacional e internacional. Com a colaboração do SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, o Governo do Estado, contribui financeiramente para que essa arte prevaleça com o mesmo esforço que elas tiveram desde o início de seu desenvolvimento na comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o trabalho da renda de labirinto falta muito empenho na parte de seu povo, na ajuda dessa obra prima, comprando essas peças com valor justo. As condições de saúde em decorrer das posturas tendem a piorar, nisso elas devem também correr atrás de um tratamento com fisioterapeuta, para não ter complicações na saúde futuramente, e também, mais incentiva governamental e de micro e grandes empresas do próprio estado para o crescimento desse artesanato e de vários outros.

Em cada passo ao âmbito artístico, a renda de labirinto mostra superação e persistência de grandes mulheres, no catalogar seu processo na renda do labirinto, de se produzir e transformar, e de enfrentar as dificuldades em seu acabamento de suas peripécias nos seus mínimos detalhes, minuciosas ao revelar expressões artísticas naturais. Ao ver pronto, é algo extraordinário, honesto, de capacidade guerrilheira e força de vontade. Em suma, conseguir lucrar com seu artesanato para o sustento de sua família é mais que gratificante, é o amor avassalador, personificação vocacional pela arte, por sua cultura e pelo seu trabalho no artesanato de labirinto, e principalmente por fazer continuar uma arte que se aprendeu não se sabe com quem, mas que é um saber informal que passa de mãe para filhas e que alavancam o financeiro da comunidade e da região.

Referências:

FERREIRA, Alexandre. **Ingá: Retalhos da História... Resquícios de memória.** Campina Grande: Cópias e Papéis, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 16.ed. RJ:Paz e Terra, 2002.

SORRENTINO, Rossana de Souza; (coord.) **Uma História do Ingá** - Editora Universitária- UFPB, 1993.

CUNHA. T. B. Entre o bordado e a renda: Condições de trabalho e de saúde das labirinteadoras de Juarez Távora/PB. **Taniacunha01@.** João Pessoa: UFPB, ano 2, n.29, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a05>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Labirinto de Renda (Ingá e chã dos Pereira/PB). Direção: Beбето Abrantes. Roteiro: Cristina Gomes. Música: Fabrício Araujo. CaradeCão Filmes, 2012. Vídeo(23:53 min.), widescreen, color, legendado.

STRECK, Danilo R. A educação popular e a re(construção) do público. Há fogo entre as brasas? **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Maio/Agosto. 2006, V 11, n 32, pg.272-284.

PAULA, E. M. A. T. . Educação Popular, Educação Não Formal e Pedagogia Social: Análise de conceitos e implicações para a educação brasileira e formação de professores. In: IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE e III Encontro de Psicopedagogia, 2009, Curitiba. Anais do ... Congresso Nacional de Educação, 2009. p. 6133-6146.